

O silêncio das máquinas: a falta de transparência dos algoritmos e a arte como ferramenta para desmascará-los

CORREIA, Marcela; SOUZA, Júnia.

Educação de qualidade

Introdução

A proposta parte do conceito de “Futuro Ancestral” (Krenak, 2022), que questiona a lógica ocidental do progresso e propõe pensar o futuro em diálogo constante com o passado. Nesse sentido, o minicurso Racismo Algorítmico busca não apenas denunciar os mecanismos de apagamento presentes nos sistemas digitais, mas também reconectar saberes ancestrais. Assim, pretende fomentar debates sobre tecnologia, raça e memória, propondo usos emancipatórios da inteligência artificial para fortalecer vozes e projetos coletivos que resistem às lógicas neoliberais.

Resultados e/ou Ações Desenvolvidas

O minicurso Racismo Algorítmico destacou a arte como ferramenta pedagógica para revelar a falsa neutralidade dos algoritmos e seus vínculos com desigualdades históricas. As análises de imagens por IA e os debates sobre IA Livre estimularam reflexões sobre racismo algorítmico e a necessidade de tecnologias baseadas em saberes ancestrais, apontando para a urgência de políticas públicas inclusivas.

Objetivos

Essa proposta tem por objetivo central elucidar a não neutralidade dos algoritmos, de forma a relacionar com a não neutralidade da ciência em si. Outrossim, dar ênfase ao conceito de e IA Livre (Rádio Yandê, 2020), que respeite os saberes ancestrais e que não reproduza epistemicídios tecnológicos. Nesse sentido, também apresentar trabalhos artísticos produzidos com inteligência artificial, como a coleção “Álbum Desesquecimentos” (2024) ao retratar uma série de imagens fotográficas geradas por inteligência artificial (IA) de mulheres negras e originárias em momentos de carinho. Em suma, ao “obscurer” esses fenômenos, o intuito é para além de uma simples denúncia, visto que existem outras alternativas de utilização dos algoritmos

Conclusões

O futuro está enraizado nas memórias de corpos marginalizados. Reconhecer-se no coletivo é fundamental para disputar o uso da tecnologia, entendendo a colonização cibernética como atualização do racismo em novas formas

Material e Métodos ou Metodologia

O minicurso será dividido em cinco partes, com duração aproximada de 3 horas, em formato presencial ou remoto. A abordagem será participativa, utilizando técnicas ativas, análises de imagens geradas por IA e recursos audiovisuais, tendo a arte como linguagem central do processo formativo.

Bibliografia

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
AMPARO, Thiago de Souza; PRADO, Viviane Muller. Racismo creditício no Brasil e nos EUA: risco discriminatório no acesso a crédito. Revista Direito GV, v. 20, e2422, 2024. Disponível em: SciELO .<https://doi.org/10.1590/2317-6172202422>. Acesso em: 10 jun. 2024
VILALTA, Lucas. Inteligência artificial utiliza base de dados que refletem preconceitos e desigualdades. Jornal da USP, 24 set. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/inteligencia-artificial-utiliza-base-de-dados-que-refletem-preconceitos-e-desigualdades/>. Acesso em: 10 jun. 2024.
Blog da Letramento. Angela Davis e a tradição radical de mulheres negras. Blog da Letramento, 13 set. 2021. Disponível em: <https://www.blogdaletramento.com.br/2021/09/angela-davis-e-tradicao-radical-de.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.
Geledés – Instituto da Mulher Negra. (2020). Quem é e o que pensa Sueli Carneiro: filósofa e ativista brasileira.

Apoio Financeiro